

LENDAS DO CONCELHO DAS CALDAS DA RAINHA

(1ª edição)

CONTEXTUALIZAÇÃO

As lendas, mitos, contos, contribuem para a formação cultural de um povo, na medida em que edificam o *modus vivendi* de determinadas pessoas, através dos seus hábitos, comportamentos, costumes e linguagem.

Hoje em dia, as palavras “lenda” ou “mito” são utilizadas para designar conjuntos muito amplos de fenómenos e ideias, banalizando-se conceptualmente. Contudo, no passado, um mito era geralmente entendido como uma verdade absoluta e inquestionável, que merecia a crença profunda e até, por vezes, a veneração, sendo utilizados como explicadores de fenómenos naturais ou sobrenaturais desconhecidos (Fontes, 2013).

Gradualmente, acompanhando a evolução do conhecimento científico, estas lendas e histórias foram perdendo o seu valor original (Barata, 1990), passando a ser designadas para se referirem a histórias orais, estórias fantasiosas e inventadas ou até irreais.

No âmbito da arqueologia, a maior parte dos investigadores defende que o estudo do passado não pode ignorar o registo lendário e das narrativas míticas de uma região. Assume-se que a esta se atribui um valor enquanto representações da realidade tradicional, de um modo de pensar ou viver e de um imaginário coletivo fundamental para a compreensão e interpretação da ocupação humana.

Assim, aceita-se comumente, que a memória coletiva, se baseia numa reconstituição imaginária, mítica, ou explicativa de algo registado em tempos e que se traduziu em expressões, ideias ou fundamentos do foro cognitivo dos habitantes daquela região.

Ao surgir, resultante de uma interpretação ou explicação simplista da realidade, torna-se estruturante dessa comunidade, não só por se tornar parte dela, como também por ilustrar expressões conscientes do entendimento cosmológico dos habitantes a que ela ficou afeta.

Muitas das tradições, lendas e contos de uma região trazem impressas em si rasgos de acontecimentos reais passados e que podem ser filtrados e registados arqueograficamente, pelo simples facto de apontarem para sítios ou áreas que são os cenários das dinâmicas apresentadas. Estas lendas, ao passarem de geração em geração e quase sempre oralmente, espelham ocupações antigas que ficaram no subconsciente social. Ao se extraírem estas informações e ao se prospectarem os locais embebidos da significância lendária atribuída registam-se, numa grande parte das vezes, vestígios arqueológicos, pois a maior parte das lendas estão associadas a potenciais sítios ocupados no passado.

Desta forma, estes dados são também eles importantes fontes de informação na compreensão de uma região e retratam a sua comunidade (Mattoso, 1997).

Este livro pretende compilar as principais lendas conhecidas do concelho das Caldas da Rainha, tendo como intuito o seu registo para o futuro, permitindo a sua preservação documental.

METODOLOGIA

As lendas e tradições registadas foram recolhidas por pesquisa documental e bibliográfica e por contato direto com a população local. De referir que houve um interesse propositado em não averiguar a veracidade das lendas ou histórias recolhidas, tentando manter “à letra” aquilo que os fornecedores das informações nos iam transmitindo e a tradição oral subjacente.

De frisar que este trabalho não se dá por completo, pois muitas outras lendas e estórias existem e farão parte da oralidade da comunidade deste concelho e que aqui não foram retratadas.

O inventário seguinte está organizado por freguesias, conforme o fomos recebendo dos seus habitantes ou dos sítios aos quais aludem. No entanto existem algumas lendas que transvasam os seus limites estendendo-se às freguesias vizinhas ou a todo o concelho.

Os textos apresentam-se o mais fiel possível ao que nos foi transmitido, salvo uma ou outra alteração realizada para melhor entendimento do mesmo.

Descrevem-se também os contextos que estão linkados com sítios arqueológicos reconhecidos pela equipa de projeto CARACA, de forma a explicar algumas possíveis origens ou fundamentos do aparecimento das mesmas.

ÍNDICE

CONTEXTUALIZAÇÃO.....	1
METODOLOGIA.....	2
FREGUESIA DO NADADOURO	4
Romaria à Nossa Senhora da Ladeira (Santa da Ladeira).....	4
Cais da Rainha	5
FREGUESIA DE A-DOS-FRANCOS	5
Gruta de A-dos-Francos.....	5
Heresias	6
FREGUESIA DE ALVORNINHA	6
Almofala	6
FREGUESIA DO CARVALHAL BENFEITO	7
O misterioso túnel.....	7
Prisão do Carvalhal.....	7
Pedras-raio	8
FREGUESIA DA FOZ DO ARELHO.....	9
Procissão noturna	9
Lenda do Cruzeiro do Vale da Ponte	9
FREGUESIA DO LANDAL.....	10
Milagre de Santa Suzana	10
Potes de ouro na Serra.....	10
Espinheira de Santa Suzana.....	10
UF NOSSA SENHORA DO PÓPULO, COTO E SÃO GREGÓRIO.....	11
Lenda da Fundação	11
Bordados das Caldas	11
Falos das Caldas.....	11
Vêm aí os franceses.....	12
Fonte da Moira.....	12
UF TORNADA E SALIR DO PORTO.....	12
Lenda de Tornada.....	12
Alfândega de Salir do Porto.....	13

FREGUESIA DE SALIR DE MATOS	14
Lenda do Guisado.....	14
Boneca de Santo António.....	14
Lenda de Santo Amaro	14
Lenda da Maria do Carmo	15
<i>As Botas do Rei</i>	15
FREGUESIA DOS VIDAIS	15
Casais da Memória	15
Pedra da Serra	16
FREGUESIA DE SANTA CATARINA	16
Mata de Porto Mouro	16
Covas da Raposa.....	17
BIBLIOGRAFIA.....	18

FREGUESIA DO NADADOURO

Romaria à Nossa Senhora da Ladeira (Santa da Ladeira)

Diz-se que no dia 16 de Agosto de 1966 terá aparecido um anjo a uns pescadores, junto às margens da Lagoa de Óbidos, perto da ponta da Ardonha.

Deste acontecimento resultou a construção, pela comunidade, de um pequeno altar em honra da Nossa Senhora da Ladeira (Santa da Ladeira).



Altar a Nossa Senhora da Ladeira (Nadadouro)

Desde aí, todos os anos é efetuada uma romaria ao local na qual participam centenas de pessoas, em que são oferecidas flores à Santa e administrados batismos aos fiéis.

Cais da Rainha

Diz a lenda que foi D. Sebastião quem mandou construir o cais de palafitas, nas margens da Lagoa, na freguesia do Nadadouro.

Os restos do atualmente observado são relativamente recentes. Contudo, poderia ter existido um mais antigo que pode ter sido sobreposto por este mais recente.

Na verdade, o registo arqueológico obtido durante as prospeções permitiram recuperar um peso de rede pré-histórico, apontando um uso desta zona desde os tempos anteriores à presença romana na região.

Este é um caso de exemplo de como uma lenda pode estar associada à antiga ocupação humana no território e do seu tipo de exploração.



Cais palafítico (Nadadouro)



Embarcação recente no cais palafítico do Nadadouro



Peso de rede pré-histórico

FREGUESIA DE A-DOS-FRANCOS

Gruta de A-dos-Francos

De acordo com a tradição oral existe uma gruta que passa por debaixo da Capela de Nossa Senhora da Conceição. Esta cavidade, de acordo com a população, irá dar ao lugar de Vila Verde, tendo sido feito pelos Mouros. Contam que muitos morreram a tentar percorrê-lo. Terá sido utilizado, durante as invasões francesas, para guardar talhas de azeite e outros bens alimentares.

Heresias

De acordo com informação de alguns habitantes de A-dos-Francos, as imagens sagradas de pedra da Igreja de Vila Verde de Matos foram em tempos utilizadas por algumas pessoas para fazer peso nos arados para amanhar os campos. Quem praticava este ato era considerado herege e castigado por tal afronta a Deus.

FREGUESIA DE ALVORNINHA

Almofala

Conta-se que em Almofala, num dos lugares de Alvorninha, existia uma árvore de grande porte, um álamo, onde eram julgados e executados os criminosos.

Certo dia, quando o carrasco se preparava para iniciar a execução, pareceu-lhe ouvir uma voz de dentro do álamo. Curioso com a situação, terá gritado “Álamo, fala!”.

Reza a lenda que o álamo terá respondido, dizendo o nome do verdadeiro culpado do crime e ilibando o inocente que ia ser executado. Pela tradição oral pensa-se que a localização do álamo corresponderá à atual Rua do Almo.

A junção dessas duas palavras – “álamo” e “fala” – terá dado origem ao nome do lugar: Almofala. O lugar de Almofala é considerado por muitos habitantes da região como um dos mais antigos do concelho das Caldas da Rainha.

No local existe um casario muito degradado em ruínas, que se chama “Casa de Almofala”. Na extremidade esquerda da fachada principal é possível encontrar um pedra embutida que serve de cunhal que, segundo Veiga Ferreira e G. Zbyszewski , é de cronologia Neolítica.



Quinta em Almofala



Casa de Almofala



Pormenor da fachada da Casa de Almofala

FREGUESIA DO CARVALHAL BENFEITO

O misterioso túnel

Esta lenda, contada pelo Sr^o António Colaço, revela a presença de uma cavidade, que, de acordo com o mesmo, quando se tentava entrar, os archotes que se levavam na mão se apagavam, devido à falta de oxigénio. O túnel ligaria a Igreja à residência senhorial, que existiria no vale. A localização do túnel é desconhecida pela população e nas obras de restauro da Igreja não foi detetado.

Prisão do Carvalhal

Reza a lenda que o topónimo “Carvalhal Benfeito” terá surgido devido à existência de uma prisão no lugar onde existiam muitos carvalhos.

Quando alguém era preso, os habitantes da terra exclamavam “Vais para o Carvalhal? Bem feito!”. Terá assim nascido o nome desta freguesia das Caldas da Rainha.

Pedras-raio

Contam os habitantes mais idosos do Carvalhal, bem como outros habitantes das freguesias do concelho das Caldas da Rainha, a seguinte estória:

Em noites de trovoada, há pedras azuladas que caem do céu, as chamadas pedra-raio. Ao cair, pelo impacto, enterram-se a cerca sete braços de profundidade, demorando sete anos a voltar à superfície.

Estas pedras, que os moradores caracterizam como vindas do céu e azuladas são na verdade artefactos arqueológicos da pré-história recente, em anfibolito, matéria-prima que tem uma aparência azulada. Ao serem transformados em artefactos são polidos para serem convertidos em objetos com gumes cortantes, como é o caso de machados, enxós, goivas, etc.

A presença destes vestígios num terreno é sinal de uma ocupação do neolítico ou calcolítico, isto é com mais de 4000 anos. O fator de associarem a queda ao seu enterramento revela o facto de muitos destes objetos serem encontrados aquando dos trabalhos de lavra e do remeximento dos sedimentos mais profundos do solo.

A população deve ficar atenta para que sempre que encontre um objeto destes comunicar o seu achado à Direção Geral do Património Cultural ou a alguma instituição ou laboratório de arqueologia¹.

Esta lenda foi contada por um utente do Centro Social Paroquial N.ª Srª das Mercês, levando-nos ao local onde tinha encontrado estas pedras na sua juventude. A visita a este local permitiu confirmar, pelo registo de fragmentos de cerâmica manual e outros instrumentos líticos, como é o caso de lascas de sílex, a presença de um possível habitat da pré-história recente, no lugar da Cabeça Alta.



Vista geral do sítio da Cabeça Alta

¹ Projeto CARACA – Carta Arqueológica das Caldas da Rainha, email: alexfiga@ipt.pt



Fragmento cerâmico – Cabeça Alta



Silex – Cabeça Alta

FREGUESIA DA FOZ DO ARELHO

Procissão noturna

Por altura das festas anuais em honra de Nossa Senhora da Conceição, cumpre-se a tradição de realizar uma procissão noturna com os barcos da Lagoa de Óbidos.

Todos os anos se reúnem várias embarcações de mariscadores, pescadores e habitantes das povoações mais próximas das margens da Lagoa, indo em romaria desde o braço da Barrosa até ao Cais da Foz do Arelho.

No Cais é realizada uma missa ao ar livre, onde todos se encontram com velas acesas, seguindo depois a procissão para a Igreja da Foz do Arelho.

Lenda do Cruzeiro do Vale da Ponte

Segundo as pessoas mais antigas da Foz do Arelho, o cruzeiro que existe no lugar do Vale da Ponte terá sido ali colocado para marcar um terrível acontecimento.

Um cavaleiro, possivelmente da Ala dos Namorados e desertor da Batalha de Aljubarrota, terá tentado passar a cavalo por um pequeno ribeiro. Infelizmente o riacho seria demasiado fundo, tendo-se este ali afogado.

Para perpetuar a memória de tão nefasto acontecimento ter-se-á mandado construir o dito cruzeiro.

FREGUESIA DO LANDAL

Milagre de Santa Suzana

O milagre de Santa Suzana teve origem na aparição de uma imagem feminina numas terras incultas do atual lugar, junto a um zambujeiro que ainda hoje existe.

O culto a Santa Susana não parou de aumentar, desde aí, sendo criada uma feira anual que foi célebre durante muitos séculos, tendo ainda hoje lugar nos dias, sendo considerada uma das mais antigas e tradicionais feiras do país.

De toda a região, chegavam camponeses com os seus animais e carroças, para trocar e vender os seus produtos, oferecendo também dinheiro ou cereais à Santa, pedindo-lhe proteção para os seus animais.

Potes de ouro na Serra

Diz a tradição popular que durante as invasões francesas muitas das pessoas escondiam o ouro em potes e os enterravam ao longo da Serra da Nossa Senhora de Todo o Mundo. Ainda hoje há quem procure na Serra estes tesouros.



Serra da Nossa Senhora de Todo o Mundo

Espinheira de Santa Suzana

Diz a tradição que a Santa Susana gostava muito de uma espinheira que se encontrava em frente da sua capela. Um habitante da terra terá decidido construir um moinho em frente da igreja, tapando a visibilidade da Santa para a amada espinheira. Contam os populares que esse moinho nunca conseguiu moer, e que a roda girava ao contrário devido ao desagrado de Santa Susana, vindo o moinho a ser retirado do local pelo dono.

UF NOSSA SENHORA DO PÓPULO, COTO E SÃO GREGÓRIO

Lenda da Fundação

Reza a lenda que a Rainha Dona Leonor viajava de Óbidos para a Batalha, no Verão de 1484 e que, ao passar pelo sítio da Copa, onde hoje se encontra o Hospital Termal, reparou num grupo de plebeus a banhar-se em águas quentes e enlameadas. Curiosa, terá indagado os banhistas, que lhe responderam dizendo que aquelas águas eram milagrosas e curativas.



Hospital Termal

Como a Rainha tinha um problema de pele ter-se-á banhado nas águas, curando-se. Terá sido por esse motivo que mandou construir o Hospital Termal e, por consequência, fundado um primeiro aglomerado que daria lugar às Caldas da Rainha.

Bordados das Caldas

Eram bordados semelhantes ao bordado indiano, que a Rainha D. Leonor e suas aias faziam nos tempos livres quando permaneciam nas Caldas da Rainha.

No início, estes bordados eram vendidos à porta do Hospital das Caldas da Rainha, sendo primitivamente feitos com fio de linho, num tom castanho dourado ou melado, sobre um tecido branco ou, ao invés, de linha branca trabalhada em tecido acastanhado.



Bordado das Caldas

Hoje utiliza-se o linho comum, sendo os motivos utilizados constituídos por espirais, aranhões e corações em perfeita simetria.

Falos das Caldas

Quando o Rei D. Luís visitou a fábrica de Manuel Mafra, ter-lhe-á pedido para fazer um objeto engraçado para divertir os seus amigos.

Um pouco embaraçado, Manuel Mafra terá instruído João Pereira, seu colaborador, para o auxiliar na realização da peça.

Criaram, então, um falo monocromático, tendo-se desta forma iniciado a produção destes objetos tão peculiares pelos quais a cidade das Caldas da Rainha é tão afamada.

Vêm aí os franceses

Aquando da invasão francesa, os soldados investiram sobre os terrenos da freguesia de São Gregório, tendo as pessoas fugido para a floresta, para o lugar das Raposeiras. As crianças, famintas de fome, choravam. Os pais, com receio dos franceses ouvirem exclamavam: “Shiu, vêm aí os franceses”.



Invasões francesas - pintura

Esta expressão perdurou até aos nossos dias, sendo ainda utilizada em tom de aviso pelas famílias, quando uma criança tem um comportamento inadequado.

Fonte da Moira

Reza a lenda que uma moira encantada, aquando da reconquista cristã, terá passado por São Gregório, tendo-se refugiado num local que hoje em dia é denominado “Fonte da Moira”. A Fonte da Moira está associada a uma mina de água afeiçoada, que poderá estar relacionada com a lenda da Moira.

UF TORNADA E SALIR DO PORTO

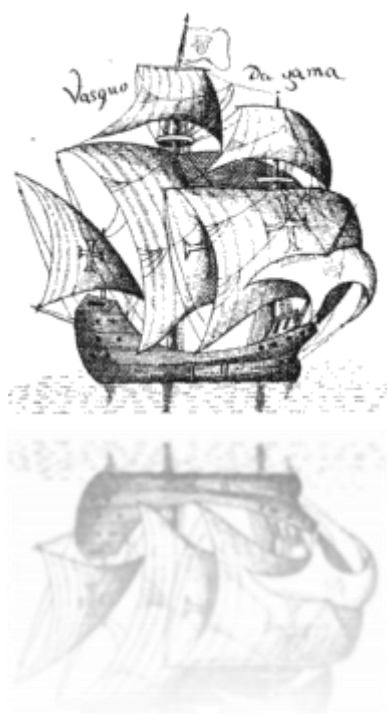
Lenda de Tornada

Depois de se banhar nas águas curativas das Caldas da Rainha, a Rainha D. Leonor seguiu caminho para a Batalha. Ao fim de alguns quilómetros, mandou parar a carruagem porque se sentia melhor. Uma das suas aias ter-lhe-á dito para tornar ao local de onde

tinha vindo, para se banhar novamente. Ao local onde se deu episódio passou a chamar-se “Tornada”.

Alfândega de Salir do Porto

Reza a lenda que, na alfândega de Salir do Porto, terão sido construídas muitas embarcações que participaram na frota do caminho marítimo para a Índia de Vasco da Gama, nomeadamente a Nau São Gabriel.



A Alfândega de Salir do Porto é um sítio arqueológico de cronologia medieval/moderna que faz parte do imaginário e da infância de muitos habitantes da zona, estando-lhe associadas estórias e lendas de espíritos e fantasmas.

Esta estrutura terá sido mandada construir para dar resposta ao elevado tráfego de mercadorias que existia no Porto de Alfeizerão.

Toda esta zona foi muito importante na epopeia dos Descobrimentos. A partir do século XVII Salir do Porto foi perdendo importância, principalmente devido ao assoreamento da Lagoa de Alfeizerão, pelo que a Alfândega se foi deteriorando, estando hoje em dia em total ruína.

Quanto à sua estrutura, esta é em pedra, com aparelho regular de cal, areia e telha, sendo perceptíveis algumas reconstruções e acrescentos à estrutura original.



Alfândega de Salir do Porto



Alfândega de Salir do Porto

FREGUESIA DE SALIR DE MATOS

Lenda do Guisado

A Rainha D. Leonor terá passado no lugar que é hoje conhecido como “Guisado”, ter-lhe-á cheirado muito bem a comida e exclamou “Que belo Guisado”, dando assim o nome ao sítio.

Boneca de Santo António

No dia de Santo António fazia-se uma boneca do tamanho de uma mulher pequena, que era queimada à meia-noite. Enchia-se de papéis e era vestida com jornais, sendo a cabeça de papel “miudinho”.

A boneca era pendurada num pinheiro, colocando-se-lhe por baixo rosmaninho seco e pegando-lhe fogo.

O povo juntava-se para assistir, fazendo versos e cantando canções.

Lenda de Santo Amaro

Reza a lenda que existia uma ermida em Santo Amaro com uma imagem do santo em pedra. Esta terá sido utilizada por um agricultor para fazer peso sobre a grade com que

remexia o terreno. A partir desse momento o lugar de Santo Amaro terá sido amaldiçoado, pois nunca deixou de haver coxos naquele lugar.

Lenda da Maria do Carmo

Conta a estória que Maria do Carmo, habitante de Salir de Matos, terá mandado matar o marido, contratando um homem que o matou durante a noite por asfixia. Embora não tenha havido sangue derramado, conta-se na aldeia que sempre que alguém tenta remover as manchas de sangue do soalho, estas se avivam, não havendo água nem sabão que as apague.

As Botas do Rei

Trata-se de antigo costume, que remonta possivelmente ao reinado de D. Afonso Henriques.

Quando os reis portugueses se deslocavam até ao Mosteiro de Alcobaça, entidade responsável pela área onde hoje se implanta a freguesia de Salir de Matos, eram brindados pelos monges com um par de sapatos ou botas à escolha do monarca.

Esta tradição terá caído em desuso durante alguns anos, tendo sido restabelecida por D. João IV.

FREGUESIA DOS VIDAIS

Casais da Memória

Conta-se que D. Afonso Henriques, na campanha da reconquista rumo a Santarém, acampou nos Casais da Memória.

Há noite, após ter subido a uma pequena colina e ter visto as luzes dos mouros nas muralhas de Santarém, terá prometido dar aos Monges de Cister todas as terras que se avistavam dali até ao mar, caso conseguisse vencer os mouros.

Assim aconteceu, dando origem aos Coutos de Alcobaça.



Fotografia antiga do Arco da Memória - Vidais

Naquele local terá erigido um arco, o Arco da Memória, que hoje se encontra reconstruído.

Pedra da Serra

Contam os habitantes das freguesias do Landal e dos Vidais que, em tempos, terá existido na Serra de Nossa Senhora de Todo o Mundo uma pedra tombada com a seguinte inscrição: “Quem me a mim voltar, grande riqueza há-de achar”. Passados muitos anos, alguém terá virado a pedra, encontrando outra inscrição: “Fizeram bem voltar que eu já estava farta de aqui estar”.

A lenda é curiosa e, porventura, poderá estar ligada à existência de diversos sítios arqueológicos na Serra de Nossa Senhora de Todo o Mundo, no planalto da Achada, nomeadamente as ruínas da capela medieval que ali se encontra. Esta capela encontra-se completamente degradada, sendo possível visualizar parte da estrutura de uma parede que sobreviveu.



Vestígios da Capela de Nossa Senhora da Serra de Todo o Mundo

FREGUESIA DE SANTA CATARINA

Mata de Porto Mouro

Reza a estória popular que em tempos, por altura dos mouros, o mar chegaria ao local onde hoje se encontra o lugar da Mata de Porto Mouro.

Contam que ali teria existido um porto, no qual atracavam pequenas embarcações.

Da estrutura deste porto nada sobra, conservando-se apenas o nome do lugar e uma rua, Estrada da Fonte da Moura, onde outrora terá existido uma fonte, atualmente já desaparecida.



Vista geral do Mata de Porto Mouro



Placa identificativa da Estrada da Fonte da Moura

Covas da Raposa

Conta-se que no sítio da Raposeira, em Santa Catarina, existem umas casas antigas assombradas que terão pertencido aos “mouros”.



Possível localização das casas assombradas

A história associada a este local é contada por vários habitantes da Raposeira, referindo existirem covas e estruturas de muro na zona comumente apelidada de “Covas da Raposa” ou “Casas dos Mouros”.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, Maria (1990) – “Mito, Política e Sociedade (O Caso Português)” - Dissertação de Mestrado em Filosofia Social e Política. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 193 pp.
- FONTES, Vítor José de Oliveira (2013) – “O Potencial Didático dos Mitos e das Lendas na Educação Histórica”
- MATTOSO, José (1997) - “A Escrita da História” - Lisboa: Editorial Estampa (ed. original, 1988).
- POLLACK, Michael (1992) – “Memória e Identidade Social” - “Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212.
- Querido, Carlos (2007) – “Salir d'Outrora” - PH – Estudos e Documentos, 2007
- UMBELINO, Jaime (2006) – “A Foz do Arelho na Lenda e na História” - Edição do Autor. 2.^a Edição, revista e aumentada, 2006.